



**DEZ
LIÇÕES
PARA O
MUNDO
PÓS-PANDEMIA
FAREED
ZAKARIA**

i
intrínseca

Dez lições para o mundo pós-pandemia

FAREED ZAKARIA

Tradução de Alexandre Raposo,
Bruno Casotti, Flávia Rössler e Jaime Biaggio



Copyright © 2020 by Fareed Zakaria

TÍTULO ORIGINAL

Ten Lessons for a Post-Pandemic World

PREPARAÇÃO

André Marinho

Carolina Vaz

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

Eduardo Carneiro

DESIGN DE CAPA

Sarahmay Wilkinson

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

IMAGEM DE CAPA

Milky Way © Antoine Rose/ Cortesia de Samuel Maenhoudt Gallery

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO
NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z25d

Zakaria, Fareed, 1964-

Dez lições para o mundo pós-pandemia / Fareed Zakaria ; tradução Alexandre Raposo ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
288 p. ; 23 cm.

Tradução de : Ten lessons for a post-pandemic world
ISBN 978-65-5560-152-7

1. Epidemias - Aspectos sociais. 2. Epidemias - Aspectos políticos. 3. Epidemias - Aspectos econômicos. 4. COVID-19 (Doenças). 5. Infecção por coronavírus. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

20-68240

CDD: 303.485

CDU: 316.4:(616.98:578.834)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

INTRODUÇÃO

O efeito morcego

O *The New York Times* chamou a imagem de “a esfera espinhosa vista no mundo inteiro”.¹ No fim de janeiro, Alissa Eckert e Dan Higgins, seu colega no Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês), receberam a tarefa de criar uma representação do novo coronavírus. Precisava ser “algo para chamar a atenção do público”, explicou Eckert mais tarde ao jornal. O que eles produziram foi a imagem de uma esfera prateada com “espinhos” vermelhos brilhantes. Evocativa e perturbadora, a ilustração logo se espalhou e passou a aparecer em todos os jornais, revistas e telejornais. Se neste exato momento você imaginar qual a aparência de um coronavírus, é muito provável que lhe venha à mente a interpretação de Eckert e Higgins ou algo similar. No mundo um tanto macabro dos ilustradores médicos profissionais, a imagem é chamada de “pose fatal”, um close detalhado de uma única partícula viral que a faz parecer ameaçadora e enorme. Na verdade, o novo coronavírus tem mais ou menos 1/10.000 do tamanho do ponto final desta frase.²

Muitas vezes somos aconselhados a pensar grande, mas talvez precisemos começar a pensar pequeno. Somos bons em imaginar os grandes perigos já tradicionais, por mais improváveis que tenham se tornado atualmente, como ataques militares e invasões, e em planejar respostas em grande escala para eles. Governos gastam trilhões de dólares para montar forças armadas gigantescas, rastrear a movimentação de exércitos em todo o planeta e praticar simulações de guerra contra inimigos potenciais. Os Estados Unidos, sozinhos, destinam todos os anos quase 750 bilhões de dólares ao orçamento do Departamento de Defesa.³ No entanto, não estávamos preparados para nos defender de um microrganismo. É bem possível que essa partícula viral cause o maior dano econômico, político e social que a humanidade já viu desde a Segunda Guerra Mundial.

Este não é um livro sobre a pandemia, mas sobre o mundo que começa a surgir como resultado da pandemia e, mais importante, sobre nossas respostas a ela. Um grande choque pode conter respostas diversas em função do estado em que o mundo se encontra naquele momento e de como os seres humanos reagem — com medo, negação ou adaptação. No caso do novo coronavírus, o impacto está sendo moldado pelo fato de que nosso mundo está profundamente interconectado, de que a maioria dos países não estava preparada para a pandemia e de que, em consequência, muitos deles, inclusive os mais ricos, fecharam suas sociedades e suas economias de forma sem precedentes na história da humanidade.

Este livro fala de um “mundo pós-pandemia” não porque o coronavírus ficou para trás, mas porque cruzamos um limiar crucial. Até o momento, a maioria das pessoas foi poupada de enfrentar uma epidemia em grande escala. Mas agora sabemos em primeira mão o que significa vivenciar uma pandemia. Vimos os desafios e os custos para combatê-la. A pandemia de Covid-19 talvez perdure, mas, ainda que seja erradicada, é quase certo que novos surtos de outras doenças ocorrerão no futuro. Com

esses conhecimentos e essa experiência, vivemos agora uma nova era: a pós-pandemia.

Quais são exatamente as consequências dessa pandemia? Houve quem sugerisse que ela provará ser um ponto de virada,⁴ um momento que mudará para sempre o curso da história moderna. Outros acreditam que, após uma vacina, em pouco tempo tudo vai voltar ao normal.⁵ Outros, ainda, argumentam que a pandemia não reformulará a história, mas a acelerará.⁶ Esse último cenário parece o desfecho mais provável. Consta que Lenin teria dito: “Há décadas em que nada acontece, e depois há semanas em que décadas acontecem.”

O mundo pós-pandemia será, em muitos aspectos, uma versão acelerada do mundo que conhecemos. Mas, quando se acelera a vida, os fatos não ocorrem mais de forma natural e as consequências podem ser nocivas, ou até mortais. Na década de 1930, muitos países em desenvolvimento se modernizavam em um ritmo constante, ao transferir pessoas da agricultura para a indústria. A União Soviética decidiu acelerar esse processo de forma bastante exagerada. Essa decisão, a coletivização da agricultura, levou à fome, à “liquidação” de milhões de agricultores, ao endurecimento da ditadura e à deturpação da sociedade soviética. Um mundo que faz uso de esteroides pode sofrer efeitos colaterais imprevisíveis.

A vida pós-pandemia será diferente para os países, as empresas e, acima de tudo, para os indivíduos. Ainda que a economia e a política voltem ao normal, o mesmo não vai acontecer com os seres humanos. Eles terão passado por uma experiência difícil e incomum, e a sentirão como uma nova oportunidade conquistada a duras penas. Após sobreviver à gripe espanhola, um personagem do romance *They Came Like Swallows* [Eles vieram como andorinhas], escrito por William Maxwell em 1937, diz que foi tomado por uma sensação de “deslumbramento (pois aquilo havia sido uma revelação: nem ele nem ninguém sabia que sua vida seria assim)”.⁷ À medida que o pior passa, emergimos para a “luz fria do

amanhã”, como disse a escritora Katherine Anne Porter em sua novela com cunho autobiográfico de 1939, *Cavalo pálido, pálido cavaleiro*, com relação a sobreviver a essa mesma epidemia. Sua última frase: “Agora haveria tempo para tudo.”⁸

EPIDEMIAS TÊM CONSEQUÊNCIAS

Deveríamos ter previsto isso.⁹ O coronavírus pode ser novo, mas as epidemias não. A literatura ocidental começa com uma delas. Nos versos iniciais da *Iliada*, de Homero, os exércitos gregos estão sendo devastados pela peste, uma punição divina dirigida a seu líder, o vaidoso, avarento e belicoso rei Agamenon. A primeira história séria escrita no Ocidente tem a ver com uma epidemia. *A História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, narra o longo conflito entre as duas superpotências da época: Atenas e Esparta. Pouco antes de a guerra se iniciar, escreve Tucídides, uma terrível praga varreu Atenas e causou a morte não só de um grande número de cidadãos saudáveis, mas também — e isso é o mais significativo — do inigualável líder da cidade-Estado, Péricles. Os dois lados tinham sistemas políticos muito diferentes: Atenas era democrática; Esparta, uma sociedade guerreira com estrutura rígida. No fim, Esparta prevaleceu, e não é exagero dizer que, se não tivesse havido a praga, Atenas poderia ter vencido. O curso da história ocidental teria então sido diferente, com uma democracia vibrante tornando-se um modelo de sucesso a ser seguido e não apenas uma chama que brilhou intensamente antes de se extinguir. Epidemias têm consequências.

A que gerou as maiores consequências foi, de longe, a epidemia de peste bubônica, que começou na Ásia Central por volta de 1330 e se espalhou pela Europa na década seguinte. Um cronista medieval¹⁰ acusou os mongóis de introduzir a doença no continente ao lançar cadáveres infectados¹¹ em uma fortaleza genovesa com a ajuda de uma catapulta —

uma arma biológica rudimentar. O mais provável é que a peste tenha se espalhado pelo comércio global através de caravanas e navios que transportavam mercadorias do Oriente para grandes portos como Messina, na Sicília, e Marselha, na França. A grande peste era transmitida por pulgas infectadas e atacava o sistema linfático de suas vítimas, o que causou sofrimento e morte em uma escala jamais vista. Quase metade da população da Europa foi dizimada.¹² A doença, como tantas outras, nunca foi erradicada por completo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) ainda relata todos os anos algumas centenas de casos de peste bubônica,¹³ felizmente agora tratável com antibióticos.

A peste teve efeitos sísmicos. Estudiosos acreditam que, com tantas mortes, a economia da época virou de cabeça para baixo. Walter Scheidel explica que a mão de obra se tornou escassa e a terra, abundante, e por isso os salários aumentaram e os aluguéis caíram.¹⁴ Os trabalhadores passaram a ter mais poder de barganha, e os nobres o perderam. A submissão perdeu a força em grande parte da Europa Ocidental. É óbvio que o impacto variou de um país para outro de acordo com as estruturas econômica e política de cada um. As desigualdades, de fato, aumentaram em alguns lugares que adotaram medidas repressivas. Por exemplo, nobres proprietários de terras na Europa Oriental usaram a miséria e o caos para reforçar seu domínio e impor a servidão pela primeira vez. Além dos efeitos materiais, a peste provocou uma revolução intelectual. Muitos europeus do século XIV se perguntaram por que Deus teria permitido esse inferno na Terra e questionaram as hierarquias arraigadas,¹⁵ o que acabou contribuindo para a Europa romper o mal-estar do período medieval e colocar em marcha o Renascimento, a Reforma e o Iluminismo.¹⁶ Da morte e do horror surgiram a ciência, a modernidade e o crescimento. Com a Covid-19, felizmente, não nos defrontamos com a mesma mortalidade em massa. Mas poderia a pandemia de nossa era provocar um espírito similar de introspecção social, um impacto de igual dimensão em nossa complacência?

O historiador William McNeill, autor do importante estudo *Plagues and Peoples* [Povos e pragas], foi atraído pela epidemiologia enquanto tentava solucionar um enigma: por que um número reduzido de soldados europeus conseguiu em pouco tempo conquistar e converter milhões de pessoas na América Latina? O explorador espanhol Hernán Cortés, por exemplo, tinha seiscentos homens quando começou a enfrentar o Império Asteca, que possuía milhões de indivíduos. A resposta, McNeill descobriu, envolvia epidemias. Os espanhóis trouxeram consigo não apenas armamentos avançados, mas também doenças como a varíola, contra as quais haviam adquirido imunidade, mas os nativos não. As estimativas do número de mortes que se seguiram são impressionantes, variando de 30% da população no início do conflito a entre 60% e 90% no decorrer do século XVI. Em última análise, dezenas de milhões de pessoas.¹⁷ McNeill imagina “as implicações psicológicas de uma doença que matou apenas os indígenas e deixou os espanhóis ilesos”.¹⁸ Uma conclusão a que os nativos chegaram, especula ele, foi que os estrangeiros veneravam deuses poderosos. Isso ajudaria a explicar por que tantos deles se submeteram ao domínio espanhol e se converteram ao cristianismo.

A pandemia ainda presente em nossa memória é a gripe espanhola, que atingiu o mundo em meio à Primeira Guerra Mundial e matou cerca de cinquenta milhões de pessoas,¹⁹ mais do que o dobro do número de mortos em combate.²⁰ (A doença foi chamada de gripe espanhola não porque teve origem na Espanha, mas porque esse país, por não ter se envolvido na guerra, não censurava notícias.²¹ O surto da doença foi, assim, amplamente divulgado pela Espanha, o que levou as pessoas a supor que a enfermidade viera de lá.) A ciência fez enormes avanços desde o início do século XX. Até então, ninguém jamais tinha visto um vírus, muito menos sabia como tratar essa nova infecção: os microscópios eletrônicos não haviam sido inventados, tampouco os antivirais.²² Ainda assim, as três diretrizes mais importantes das autoridades da área de saúde na época — distanciamento social, uso de máscara e higienização das mãos

— continuam sendo três dos quatro mecanismos mais importantes utilizados hoje em dia para retardar a propagação do novo coronavírus, até que seja desenvolvida uma vacina. O quarto — testagem regular — é a única inclusão moderna.

Ao longo de décadas mais recentes, surtos de Sars, Mers (Síndrome Respiratória Aguda Grave e Síndrome Respiratória do Oriente Médio, nas siglas em inglês), gripe aviária, gripe suína e Ebola se propagaram de forma ampla e vertiginosa, o que levou muitos especialistas a lançar o alerta de que poderíamos em breve enfrentar uma epidemia global. O público também percebeu. Em 1994, o best-seller de Richard Preston, *Zona quente*, detalhou as origens do vírus Ebola. O filme *Contágio*, de 2011, inspirado na epidemia de Sars de 2002-2003 e na pandemia de gripe suína de 2009, imaginou um vírus que ceifava 26 milhões de vidas ao redor do mundo. Em 2015, Bill Gates alertou, numa palestra na plataforma TED Talks, que “se alguma coisa matar mais de dez milhões de pessoas no decorrer das próximas décadas, é bem provável que se trate de um vírus altamente infeccioso”.²³ Em 2017, sua voz ganhou ainda mais ressonância quando ele estimou, em um discurso na Conferência de Segurança de Munique,²⁴ que havia uma razoável possibilidade de uma pandemia dessa magnitude eclodir no decorrer dos próximos quinze anos.

Naquele momento, não era preciso muita previsão para imaginar uma pandemia e pleitear investimentos maiores em tempo, recursos e energia para evitá-la. Em junho de 2017, quando o presidente Donald Trump propôs cortes orçamentários nos principais órgãos responsáveis por saúde pública e doenças, dediquei um bloco do meu programa na CNN ao assunto e falei:

Uma das maiores ameaças com as quais os Estados Unidos se defrontam não é grande. Na verdade, é minúscula, microscópica, milhares de vezes menor do que a cabeça de um alfinete. Patógenos mortais, sejam artificiais ou naturais, poderiam desencadear uma crise sanitária global, e os

Estados Unidos estão totalmente despreparados para lidar com ela [...] Basta nos lembrarmos do que aconteceu cem anos atrás, em 1918, quando se estima que a pandemia de gripe espanhola tenha matado cinquenta milhões de pessoas no mundo todo. Em muitos aspectos, estamos hoje ainda mais vulneráveis. Cidades densamente povoadas, guerras, desastres naturais e viagens aéreas internacionais criam condições para que um vírus mortal originário de uma pequena aldeia na África possa ser transmitido quase que para qualquer lugar do mundo, inclusive os Estados Unidos, em 24 horas [...] A biossegurança e as pandemias globais ultrapassam todas as fronteiras nacionais. Patógenos, vírus e doenças são assassinos que atacam a todos, sem distinção. Quando a crise chegar, desejaremos ter mais financiamento e mais cooperação global. Mas então será tarde demais.²⁵

Foi tarde demais. Recebemos inúmeros avisos de que precisávamos nos preparar para a Covid-19. Contudo, além dos perigos inerentes de uma pandemia, devíamos também ter previsto a possibilidade de nossos sistemas entrarem em colapso.

Após a Guerra Fria, o mundo se organizou em um novo sistema internacional baseado em três poderes, um geopolítico, um econômico e um tecnológico: poder norte-americano, o livre mercado e a revolução da informação. Todos pareciam trabalhar juntos para criar um mundo mais aberto e próspero. Mas ainda era um mundo cheio de crises, algumas das quais fugiriam de todo e qualquer controle. As guerras nos Bálcãs, o colapso financeiro asiático, os ataques do Onze de Setembro, a crise financeira global e agora a Covid-19. Embora sejam todas diferentes, elas têm algo crucial em comum. Todas representam choques *assimétricos*²⁶ — coisas que começam pequenas, mas acabam enviando ondas sísmicas para o mundo inteiro. Isso é especificamente verdadeiro para os três considerados mais duradouros — o Onze de Setembro, a crise financeira de 2008 e o coronavírus.

O Onze de Setembro sacudiu o planeta, ao focar a atenção em uma reação particular a esse novo mundo, que muitos ocidentais haviam até então ignorado. Os ataques lançaram holofotes para o ódio do islamismo radical, as tensões no Oriente Médio e a relação complicada do Ocidente com ambos. Eles provocaram uma reação feroz dos Estados Unidos. O país desenvolveu um vasto aparato de segurança interna, mas também provocou guerras no Afeganistão e no Iraque, e direcionou operações para outros lugares, cujo gasto, conforme estimativas, foi de 5,4 trilhões de dólares na “guerra ao terror”.²⁷ Essa campanha provocou confrontos sangrentos, revolução, repressão e o aumento do número de refugiados, com milhões de vítimas e consequências que persistem até hoje.

O segundo choque foi inteiramente diferente, um colapso financeiro de um tipo já conhecido na história. Os bons tempos levaram a uma alta no preço de ativos, que levou à especulação, depois a bolhas e, por fim, como não podia deixar de ser, ao colapso. Embora tenha começado nos Estados Unidos, a crise se espalhou como fogo por todo o planeta e mergulhou o mundo na pior recessão econômica desde a Grande Depressão. A economia se recuperou aos poucos, mas os mercados desabaram, o que aumentou a disparidade entre capital e trabalho. No que diz respeito à política, a crise teve efeitos complexos e corrosivos. Ainda que suas raízes se encontrem nos excessos do setor privado, em muitos países as pessoas não se moveram para a esquerda economicamente; elas se deslocaram para a direita culturalmente. A ansiedade econômica gerou ansiedade cultural, hostilidade à imigração e um desejo nostálgico de retornar a um passado familiar. O populismo de direita ganhou força em todo o Ocidente.²⁸

O terceiro choque é este pelo qual estamos passando agora. Talvez seja o maior de todos, e é, com certeza, o mais global. O que começou como um problema de saúde na China logo se tornou uma pandemia. Mas isso foi apenas o começo. A crise médica levou ao bloqueio simultâneo de todos os negócios no mundo inteiro, e o resultado foi uma grande paralisção, a cessação da própria economia. Por alguns parâmetros,²⁹ os danos

econômicos dessa pandemia já rivalizam com os da Grande Depressão.³⁰ As consequências políticas se desenvolverão ao longo dos próximos anos de maneiras distintas em diferentes países. As consequências sociais e psicológicas — medo, isolamento, falta de objetivo — podem durar ainda mais tempo. A Covid-19 mostra ter efeitos profundos e duradouros em cada um de nós, repercussões que ainda não conseguimos compreender em sua totalidade.

No entanto, cada uma dessas três grandes crises globais foi desencadeada a partir de algo pequeno, aparentemente trivial. Pensemos nos atentados de 11 de setembro, realizados por dezenove jovens, munidos das mais simples e rudimentares armas: pequenas facas, não muito diferentes das utilizadas na Idade do Bronze há quatro mil anos. Ainda assim, esses dezenove indivíduos deram início a uma onda de guerras, operações de inteligência, revoltas e repressão em todo o mundo. Ou consideremos as origens da crise financeira global — um produto financeiro obscuro, o *credit default swap*, uma espécie de apólice de seguro feito, em geral, sobre empréstimos hipotecários, foi organizado e reorganizado, fatiado e picado, vendido e revendido, até se tornar um mercado de 45 trilhões de dólares,³¹ valor três vezes superior à economia dos Estados Unidos e equivalente a três quartos³² de toda a economia global. Quando esse mercado quebrou, levou consigo a economia mundial e, no momento oportuno, desencadeou uma onda de populismo. Sem os *credit default swaps*, talvez Donald Trump jamais tivesse sido eleito.

E no caso da atual pandemia, todos nós agora reconhecemos como uma minúscula partícula viral em um morcego na província chinesa de Hubei conseguiu deixar o mundo de joelhos — um exemplo real do efeito borboleta, segundo o qual um bater de asas de uma borboleta³³ pode influenciar os padrões climáticos do outro lado do mundo. Pequenas mudanças podem ter grandes consequências. Nas redes elétricas ou de computadores, se um diminuto elemento se rompe e transfere sua carga para outro, que depois também se rompe, isso pode causar uma reação em

cadeia que se amplia cada vez mais, como uma ondulação que se transforma em uma onda estrondosa. A isso se dá o nome de “efeito cascata”. Um único erro de software ou um transformador quebrado podem desativar um sistema inteiro. Algo parecido acontece na biologia. Uma leve infecção no sangue é capaz de provocar um pequeno coágulo que, por meio de uma reação em cadeia, pode causar um derrame cerebral severo, num processo denominado cascata isquêmica.

Antigamente, as epidemias eram consideradas algo fora da intervenção ou da responsabilidade humana. A palavra *influenza*, por exemplo, tem origem na crença popular italiana que atribuía resfriados e febres à influência das estrelas.³⁴ Com o tempo, porém, as percepções mudaram e os seres humanos deram maior atenção às características mais evidentes do problema, um passo importante para verificar o que podia ser feito a respeito. Os franceses começaram a chamar a *influenza* de *grippe*,³⁵ palavra que significa “agarrar”, talvez como referência à sensação de aperto que ela provoca na garganta e no peito. Desde 1990, surtos repentinos e severos têm “agarrado” o mundo — pelo menos um a cada dez anos — e desencadeado efeitos cascata. Teremos mais. Eles não acontecem por um propósito consciente, mas também não são de todo acidentais. Parecem ser um elemento inerente ao sistema internacional que construímos. Precisamos compreender esse sistema — em outras palavras, compreender o mundo em que vivemos — para começar a ver o futuro mundo pós-pandemia.

Consta que Lenin disse certa vez: “Há décadas em que nada acontece, e depois há semanas em que décadas acontecem.” Estamos, sem sombra de dúvida, vivendo uma versão acelerada do mundo que conhecemos.

Desde a queda do Muro de Berlim, o planeta sofreu três grandes abalos — o Onze de Setembro, o colapso financeiro de 2008 e agora a pandemia provocada pelo novo coronavírus — que, embora pareçam distintos em quase tudo, têm algo em comum: são choques assimétricos. Começaram com consequências de menor magnitude, mas passaram a enviar ondas sísmicas pelo mundo inteiro.

Ao longo de dez lições, o apresentador da CNN e autor best-seller Fareed Zakaria convida o leitor a compreender melhor a natureza de um mundo pós-pandemia: as consequências políticas, sociais, tecnológicas e econômicas que em outras circunstâncias levariam anos para ocorrer.

Abordando assuntos que vão dos riscos naturais e biológicos até o crescimento da “vida digital”, passando pela nova ordem mundial dividida entre Estados Unidos e China, Zakaria faz o leitor refletir para além dos efeitos imediatos da Covid-19. Com uma prosa instigante, o autor oferece uma reflexão atemporal sobre a vida no início do século XXI. Descobrimos em primeira mão o que parecia impossível: como é vivenciar uma pandemia. A questão agora é entender o que virá pela frente.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1027/